

Para o bem da raça - análise e impressões sobre a eugenia negativa nas produções da Faculdade de Medicina da Bahia, 1915-1933.

Lucas Nogueira.

Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos - Pósafro
UFBA

Resumo:

O presente artigo faz parte da apresentação realizada no último simpósio, e que pertence parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado “*Para o bem da raça, a eugenia na Bahia entre os anos de 1918-1935*”. Neste trabalho analiso as formas pelas quais a eugenia esteve presente no círculo científico ligado à Faculdade de Medicina da Bahia. Para isto foram selecionadas algumas teses de doutoramento, anais da Faculdade de Medicina além da Gazeta Médica da Bahia. O artigo mapeia as teses voltadas para a eugenia negativa compartilhadas pelos médicos baianos Samuel Dutra Silva, Luiz Fabrício de Oliveira, Clodoaldo Magalhães e Fernando Tude de Souza, que entusiasmados com a nova ciência elaboravam ou defendiam aplicação de medidas eugênicas no país.

Palavras chave:

Eugenia, raça, degeneração, eugenia negativa.

Introdução:

Este artigo trata do movimento científico e social, a eugenia e suas repercussões na Bahia, em especial a partir da Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1915 a 1935. Sobretudo a partir de teses de doutoramento que versavam acerca da desejada “melhor reprodução”, ou do “aprimoramento da raça” a partir de estratégias relacionadas a obtenção de uma boa prole. Tendo como principal objetivo detectar de que maneira médicos e doutores baianos repercutiam as lições, ou propunham suas soluções a partir da eugenia negativa.

Primeiro vale lembrar quais eram os tipos de eugenia: positiva, negativa e preventiva. Aliado a discussão de a eugenia ser ou não ser considerada uma ciência, haja visto que boa parte da historiografia anterior classificou-a como pseudociência, por conta das atrocidades cometidas contra os judeus no Holocausto, e os “crimes” cometidos contra populações consideradas inferiores, a exemplo da esterilização compulsória nos EUA (BLACK, 1993). Até então acredita-se que o Brasil não tenha chegado a estes extremos, mas isso não quer dizer que não houvessem entusiastas em favor de medidas “radicais” frente ao direito à reprodução dos indivíduos.

O que motivava esses homens? Em linhas gerais, a crença no progresso social a partir do aprimoramento do indivíduo, conseqüentemente se obteria a melhora da raça. Portanto minha análise está centrada nas soluções para melhora do corpo social a partir da eugenia negativa que foram defendidas pelos recém formados na Bahia¹. Ao todo foram analisadas cinco teses de doutoramento, cada uma busca contribuir a sua forma nesta crença de progresso ou evolução social (STEPAN, 2005; DIWAN, 2018).

A primeira delas data de 1915, e dialoga com a concepção de eugenia positiva, aquela em que os mais “aptos” seriam selecionados artificialmente a fim de produzir uma “super raça”, alertando para a importância do casamento que tinha como finalidade resguardar boas proles. Mas estas proles corriam perigo de saírem eugenicamente “viáveis” e era necessária a intervenção médica. Neste sentido as teses subsequentes dialogam entre si, estabelecendo cada uma, uma maneira de se obter homens e mulheres sadios. Algumas delas como as de João Prudêncio de Souza (1923), Clodoaldo Avelino Magalhães (1924) e Luiz Fabrício de Oliveira (1928) advogam a favor da obrigatoriedade do exame-pré nupcial obrigatório.

Anos mais tarde outra voz vai lançar luz sobre a questão reprodutiva, e adotará uma postura muito menos comedida em relação ao direito reprodutivo. Esta voz foi lançada por Fernando Tude de Souza (1934) árduo crítico ao exame pré-nupcial, e defensor de medidas como esterilização e o aborto eugênico

Vozes baianas no círculo eugênico:

Em 1913, o Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e Diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, proferiu a primeira conferência sobre eugenia até então realizada no Brasil, intitulada de “Pró Eugenismo”. O que levaria Magalhães a atrair-se pela ciência galtoniana? Durante a década de 1910 Magalhães esteve a frente do Instituto de Proteção a Infância da Bahia, foi diretor do Instituto Normal da Bahia, e Professor de na Faculdade de Medicina da Bahia. Ministrou aulas ligadas aos cuidados que a mães deveriam ter com seus filhos, alertando-as sobre os riscos do alcoolismo, doenças venéreas, e necessidade de vacinação contra a varíola e febre amarela (MAGALHÃES, 1920). Magalhães por sua vez não iniciou o debate em torno da proteção à infância, ele fazia parte de corrente científica que tinha a Higiene como motriz do processo civilizatório, logo a higiene-geral fez-se presente em sua formação e atuação como professor do Instituto Normal da Bahia, e da FMB. Neste caso a hygiene parece ter sido a porta de entrada para que Magalhães simpatizasse com a eugenia. Para ele, a educação seria um meio de impedir a propagação

¹ Lembrar que nem todos os médicos formados na Faculdade de Medicina da Bahia, ou FMB eram oriundos daquele estado.

diversos “males sociais”, como o alcoolismo e as doenças venéreas, responsáveis pela degeneração física e moral da raça(MAGALHÃES, 1913).

Assim, não é de se surpreender que a aula inaugural de 1913 do dr. Alfredo Magalhães fosse uma apresentação da ciência de Galton. Pois este viria a adotar a eugenia como prática científica e social, a partir de sua atuação médico-higiênica que era voltada a proteção à infância. Anos mais tarde continuaria sua atuação como eugenista também, no Primeiro Congresso Regional de Medicina da Bahia, 1935, dentre tantas outras importantes atuações do puericultor e eugenista baiano.

Eugenia negativa na Faculdade de Medicina da Bahia FMB:

Dentre as teses defendidas pelos doutorandos da FMB entre os anos de 1918-1935, foram selecionadas cinco das quais apenas três falam abertamente sobre “Eugenia” nos seus títulos, entretanto isso não quer dizer que a eugenia só fez-se presente nestas teses, pelo contrário. Ao analisarmos de forma mais ampla podemos perceber a presença da ciência galtoniana em diversas teses de doutoramento, como é o exemplo da tese de Samuel Dutra Silva “O casamento e a prole”, datada de outubro de 1915 e submetida a cadeira de Higiene, a tese aborda a atuação médica frente ao casamento e a prole, a preocupação com a prole era característica marcante das pretensões eugênicas.

Decidimos começar a partir dessa tese de doutoramento ainda do ano de 1915, pois ela abre espaço para uma série de debates subsequentes relacionados ao casamento e procriação. Além disso esta tese foi escrita poucos anos antes da construção do novo nacionalismo (SKIDMORE, 2012, p 237-239) que visava viabilizar a nação a partir da consolidação de uma raça sem degenerações inatas, adotando a ideia de mestiçagem pela via do branqueamento, que formaria ou transformando através das campanhas sanitárias um país dantes doente, à são e vigoroso (SKIDMORE, 2012, p 257-258.)

O primeiro capítulo do trabalho de Dutra Silva inicia com uma farta discussão acerca da importância e da necessidade do casamento nas sociedades durante a história. Mas o que nos interessa aqui é o que Dutra Silva nos apresenta a partir de seu capítulo subsequente : “ *O casamento civil, e a necessidade de intervenção do médico*”, no qual ele inicia uma crítica ao Decreto lei nº 181 de 24/01/1890 que normatizava as regras do casamento. Para o autor, os legisladores esqueceram-se do principal que era a prole! Afinal, a finalidade do casamento seria oferecer boas proles, ou proles sadias a nação. Neste sentido o doutorando baiano defendia que

o interesse do todo deveria sobressair-se aos interesses particulares, conforme podemos observar no fragmento abaixo:

“O interesse da nação é possuir o maior número possível de indivíduos sãos de corpo e de moral, e aos casamentos que só reproduzem seres defeituosos do physico e também do moral são uma perda e um encargo da nação, e a lei deve proteger o interesse geral pouco se importando com particulares” (SILVA, 1915, p 23).

Adiante no texto, o aspirante à doutor destaca que uma boa prole é de interesse da “raça e da sociedade”. Para se obter uma “boa raça” Silva alerta-nos para a seleção dos indivíduos postulantes a faculdade do matrimônio, para que da união se provenham bons frutos deveria-se seguir o exemplo da Zoologia, com a seleção de casais no reino animal, o mesmo deveria ser feito entre os humanos. E quem deveria dar a palavra de quem poderia ou não se casar? O médico, e este alertava para que o nubente estivesse atento a pathologia do noivo(a). Neste sentido os próprios candidatos ao casamentos já fariam uma seleção que eliminasse os “inadequados”, se estes não o fizessem ou não soubessem caberia ao médico o poder de vetar tais uniões, que viessem a comprometer a espécie humana, ou a raça (SILVA, 1915, p - 24). Embora não esteja escrito a respeito da eugenia positiva, nesta passagem de seu texto parecem clara a leitura e interpretação dos pressupostos da eugenia positiva em sua tese.

A tese de Dutra Silva ainda apresenta a ideia do “aperfeiçoamento da raça” que é o principal conceito que pode ser creditado à ciência de Francis Galton. O que torna mais evidente quando o autor destaca que “mais vale sacrificar o indivíduo do que toda uma sociedade, do que toda raça” (SILVA, 1915, p 27). E ao alertar sobre o aprimoramento racial mediante a Higiene da prole, podemos concluir que Samuel Dutra Silva fora um higienista e eugenista, se não no mínimo admirador e crente de que a ciência galtoniana traria o progresso da nação.

Das teses de doutoramento defendidas na FMB entre os anos 1920 a 1930, apenas três apresentam em seu título a palavra “Eugenia”, são elas: “*Syphilis e Eugenia*” de João Prudencio Souza de 1923; um ano mais tarde foi a vez de Clodoaldo de Magalhães Avelino escrever “*Eugenia e Casamento*”; e posteriormente Luiz Fabrício de Oliveira em 1928 defendeu “*Da eugenia e do exame pré nupcial obrigatório*”. Não por acaso todas elas têm em comum a relação com o casamento e uma prole saudável, deixando claro o apelo a obrigatoriedade do exame pré-nupcial obrigatório. Evidenciando uma preocupação especial em relação à sífilis,

doença venérea amplamente combatida pelos eugenistas, e que carregava um terrível estigma de degenerar a raça². Este exame era uma forma de dar poder jurídico aos médicos e de impedir com que doentes mentais e sífilíticos se casassem.

A tese de doutoramento de João Prudêncio Sousa é composta por 2 capítulos que falam a questão da Eugenia como corolário do aprimoramento racial frente aos venenos raciais, neste caso: a Syphilis (STEPAN,2005, p 94). Segundo o pensamento médico científico defendido pelo autor era necessária a obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial obrigatório. Conforme defende no prefácio da obra:

“Era meu desejo defender a questão do attestado de sanidade prenupcial, fazendo considerações em torno da Eugenia Negativa, que o casamento dos indivíduos incapazes para boa procreação.”

Os “mais fracos”, neste caso os sífilíticos não se reproduzirem, era a proposta que João Prudêncio Sousa defendeu em sua tese e quiçá em sua carreira médica. Neste sentido a eugenia oferece ao historiador uma oportunidade para analisar as relações entre a ciência e vida social. Ou seja, como as estruturas da vida social podem influenciar a ciência da hereditariedade e como a sociedade se serviu dessa ciência para legitimar propostas de controle da reprodução humana (STEPAN, 2005).

Por que os médicos aconselhavam a vedação do casamento de indivíduos com sífilis? Qual a postura do autor frente ao casamento? A medicina do início do século XX era capaz de lidar com esse tipo de doença?

Bom, o pensamento médico-legal brasileiro em especial no que se refere ao ciclo eugenista foi permeado na crença a hereditariedade. Ou seja, a transmissão de determinados vícios, desvios se daria hereditariamente, por exemplo a loucura e o crime. Além da premissa da transmissão dos caracteres adquiridos, característico do lamarckismo e neolamarckismo. Neste sentido, acreditava-se que a sífilis era um dos venenos raciais que degenerarem a raça, e como sabemos a Eugenia tinha como objetivo visar a reprodução dos mais “aptos” (neste sentido: saudáveis), e em certo ponto até evitar a reprodução dos “inaptos”³. Segundo Sousa e

² Ver discussão sobre a sífilis e sanitarismo, e sífilis e raça em: (BATISTA, 2015) & (CARRARA, 2004, p 427-455).

³ Pensar a dicotomias: fortes/ fracos, aptos e inaptos a partir de um projeto que visava a evolução humana, e que os médicos e cientistas seriam a chave para este progresso. Esta dicotomia foi levada à máxima potência em alguns casos, como os norte-americanos e alemães. Conforme aponta Edwin Black em “Guerra contra os fracos”; demonstra de que maneira a busca por uma raça humana superior surgiu em laboratórios, institutos e fundações

médicos da época o risco de nascer crianças com: deficiências, abortos, bebês natimortos eram altíssimos. Riscos como abortos, são sim provocados em decorrência da bactéria que é transmitida pela circulação sanguínea de mãe para filho, ou pela ejaculação no ato sexual por exemplo. Embora hoje ela não oferece grandes riscos, pois é uma doença fácil de ser controlada com antibióticos, fez-se necessário uma séria campanha de conscientização da população para que gestantes e companheiros façam o teste da Sífilis, conforme se observar comumente em cartazes educativos do Ministério da Saúde. Mas agora, por mais que a Sífilis seja combatida não se fala mais em defesa da raça, ou na interdição de matrimônios, afinal de contas existe hoje tratamento, e cura.

Voltando a tese de Souza, o temor com a sífilis parecia ser justificado, haja vista que a cura definitiva da *bactéria Triphonema palladium*, só veio a ser disseminada a partir da segunda Guerra Mundial com o advento da penicilina como medicação antibiótica. Logo se a tese é datada de 1923, trata-se de uma diferença de duas décadas até que se descobrissem a cura do *Triphonema palladium*. Mas embora não houvesse cura, os médicos tentavam das mais diversas formas delimitar o tratamento mais eficiente contra a infecção. Conforme aponta Prudêncio Sousa as formas de tratamento empregadas na sífilis, eram as que estavam disponíveis no começo do século XX, como o Teste de Wassermann, o drogas como o arsênico – Arsfenamina (chamada 606), e aplicações de mercúrio nas genitais (SOUZA, 1923, p 21).

Ao trabalhar com o conceito de Sífilis hereditária o autor está dialogando com as teorias da hereditariedade que estavam em voga, mas a transmissão da *Triphonema palladium* não ocorre de maneira hereditária, e sim de forma “vertical” conforme aponta a ciência atual a transmissão se dá de mãe para filho, podendo levar a cegueira, aborto, disfunções neurológicas etc. Logo dada a incapacidade da ciência da época em lidar com o problema, e a onda de medo a qual assolava os médicos, gerava a percepção de que a união entre algum cônjuge sífilítico deveria ser evitada, para que não viessem a nascer indivíduos que não agregaram ao tecido social.

Diferentemente de Souza que focou na relação matrimônio e eugenia tendo como pano de fundo a sífilis. Clodoaldo Avelino Magalhães, doutorado em 1924, também defensor do

norte-americanos; entre eles a Carnegie Institution e a Fundação Rockefeller. Neste íterim pensadores e cientistas esterilizaram mais de 60 mil pessoas, além de internar tantas outras nos asilos para loucos.

exame médico pré-nupcial, foi além na apresentação dos motivos que justificassem a intervenção na reprodução humana. Para ele a seleção artificial poderia e deveria ser aplicada nos seres humanos, assim como utilizadas em outros campos a exemplo da Horticultura, e Zootecnia. Conforme destacado neste trecho:

“acontecer à zootecnia e horticultura. O aperfeiçoamento já alcançado pelos criadores e agricultores, é um atestado frisante, do quanto poderemos conseguir aplicando ao homem os mesmos princípios por eles adotados. [...] A nosso gosto, tendo por leme as leis da herança, e os artificios da seleção e cruzamento, multiplicamos, subtraímos, eliminamos caracteres individuais e mesmo de raça. Os ensinamentos da ciência, nos dão os meios de melhorar uma raça, ou mesmo uma espécie animal” (MAGALHÃES, 1924, p 13).

Segundo Avelino a função do eugenista era acelerar a seleção natural, tendo como importante aliada higiene, poder-se-ia melhorar a raça humana. Entretanto o autor lança um alerta em relação a diferença entre eugenia, e higiene, para ele a Higiene se preocupava com a saúde de maneira geral, bons costumes que levassem a preservação de determinadas moléstias. Já a eugenia iria além e consistiria na preservação da espécie humana como um todo, visando o “decréscimo elementos mórbidos que enfraquecem a energia social, e cuidar dos meios de proteção contra estes fatores.

Uma passagem de seu texto chama-nos a atenção ao referir-se a eugenia como a ciência do “amor”! Bom, devemos levar em consideração que estes médicos e cientistas como Avelino, Renato Kehl dentre outros achavam estarem realmente a fazer algo de construtivo para a sociedade. Embora procurassem mecanismos de interferência no livre arbítrio das pessoas frente a uniões, eles realmente acreditavam que tais medidas se faziam necessárias. Logo a atribuição de “amor” a ciência eugenia, tem de ser lida a partir deste prisma. Vejamos aqui como palavras carregavam a crença de Avelino em fazer a coisa certa:

“A Eugenia é bem a ciência do Amor,. Eugenizar é proteger, sanear, pregar o bem, propagar a instrução, combates os costumes que vão de encontro à moral, é selecionar física e moralmente a espécie humana.” (MAGALHÃES, 1924, p 23).

Outra questão nos chama atenção é o seguinte período “eugenizar, é proteger, sanear..”

Há aqui a clara menção a célebre frase de Renato Kehl “Sanear é Eugenizar”⁴. Pode-se notar a clara relação entre o Saneamento e a ciência de Galton. Na associação com o sanitarismo os eugenistas estavam a levar em consideração a influência do meio sobre o indivíduo, esta corrente era o neolamarckismo. Afinal se os efeitos do ambiente pudessem também serem acumulados e herdados, a reforma social não melhoraria o estoque biológico, logo o controle direto na reprodução humana se justificava duplamente, e a atuação eugenia pode-se associar-se ao sanitarismo (SILVA,2007).

O ponto mais polêmico de sua tese é a argumentação de que a esterilização seria um caminho viável para o bem-estar da raça, pois a esterilização era um dos pontos mais radicais do programa eugênico. Para justificar utilizou o exemplo dado pelo doutor carioca Alexandre Tepenido (1916)⁵, que mostrava : um alienado que teria tido 8 filhos todos os filhos apresentaram algum tipo de distúrbio mental como: epilepsia e demência. Caso fosse aconselhado a fazer a esterilização por livre e espontânea vontade, este paciente por não ter as faculdades mentais necessárias não o faria, e desta forma encheria a sociedade de “degenerados” que não agregam em nada para o progresso social. Desta forma Tepenido e Avelino apontam para algum tipo de regulamentação que levasse em conta a esterilização compulsória, pois se esta decisão ficasse a critério de alguém “supostamente insensível” ele não o faria, e toda a raça “pagaria este preço”. Observe as linhas abaixo:

“Que fazer? Longe do asilo onde toda vida não pode ficar- ele procriará de novo entes desgraçados. Compreende-se. É difícil persuadi-lo da utilidade da esterilização, mormente quanto a sua cultura intelectual não é de natureza permitir esta compreensão. Assim pois, a medicina legal intervém. Francamente não vemos em tal medida, senão um gesto humanitário.

A obrigatoriedade do exame pré-nupcial, a esterilização e outras medidas eugenias, já são impostas por lei em muitos países”.(MAGALHÃES, 1924, p 63).

Não só se 'fazia' necessária a esterilização, bem como ela era tida para o autor como um gesto humanitário. Tais assertivas mostram que Avelino e Tepenido estavam por dentro das discussões eugênicas a nível nacional e internacional. Uma vez que à altura da produção de seus textos, os EUA já haviam aprovado medidas de esterilização compulsória, em 1907 e

4 Lembrar que Renato Kehl cunhou este termo e conseguiu atrair grande simpatia do público médico-sanitarista, durante a década de 1920.

5 Alexandre Tepenido desde 1916 mostrava interesse pela questão eugênica, época de seu doutoramento.

que ganhou força pelos anos 1910 e 1920. Tão logo esta passagem me remete ao primeiro capítulo do livro de Edwin Black “*War against to week – Eugenics and American campaigning to create a master race*” (1993), no qual o autor traz à tona relatos de pessoas que foram esterilizadas (sem saber, e contra sua vontade). Pessoas como Buck Smith e Mary Donald, do estado da Virgínia Ocidental condado de Montgomery County tiveram sua vida mudada drasticamente, e foram impedidas de terem filhos e construírem famílias por serem considerados de “loucos”, sendo esterilizados sem saber e contra sua vontade. (BLACK, 2003, p 4-6). Realmente, isso seria um grande gesto humanitário....

Sabemos hoje que não o é, mas o caro leitor deve estar atento e considerar que o que motivou Avelino a adotar simpatia por tal prática repousava na crença da hereditariedade, e que os médicos eugenistas acreditavam que poderiam interferir nos destinos das nações e das pessoas. Isto posto, o doutorando baiano alertou além da necessidade de esterilização, para a adesão do exame pré-nupcial.

Luiz Fabrício de Oliveira (1928) comungava da ideia de uma raça brasileira forjada a partir da miscigenação como seu alicerce; de outro lado figuras como o próprio Renato Kehl não apoiavam a miscigenação, mostrando sua clara aproximação com a biologia racial do sueco H. Lundborg⁶. Não só Kehl assumiu posturas racistas frente ao casamento interracial, como também o Prof. Luiz Sila⁷, que escreveu acerca do cruzamento racial entre negros e brancos no periódico mensal *Boletim de Eugenia*. Para Sila era “inadmissível” o casamento entre negros e brancos, já que baseado em premissas racistas de inferioridade racial do negro, este ligado a animalidade, o consórcio entre essas raças distintas geraria uma corrupção dos caracteres “superiores” dos brancos, estes ligados ao espírito e a evolução mental, o símbolo do determinismo biológico. Assim para ele a eugenia serviria para impedir com que acontecessem tais “descalabros”. Nas linhas abaixo o leitor poderá acompanhar a relação matrimonial e raça defendida por Sila que carregava racismo em doses cavalares:

“É razoável o casamento do branco com o preto? Não absolutamente não. E ainda mais, nem razoável nem decente.[...] O negro mora do lado oposto, como constituinte da raça inferior, o negro é prophagnata, tem o angulo facial exagerado, e o índice chepálico quasi nullo. Ninguém ignora que o índice chepálico reflete a espiritualidade, e o angulo facial a animalidade. [...] Da união matrimonial entre elementos tão diferentes, só uma

⁶ Ver em : Boletim de Eugenia, ano 2 n 12, 14.

⁷ Luiz Sila foi professor de Odontologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santos. E colaborou com o Boletim de Eugenia com um artigo intitulado: “O cruzamento do preto com o Branco”. Ano 3, n 30.

dedução poderemos fazer: trata-se de um matrimônio de instintos e não de sentimentos”. (SILA,1931).

Para Luiz Sila o casamento entre negros e brancos não poderia ocorrer segundo os pressupostos hereditários e eugênicos, uma vez que havia uma disparidade inata entre as duas raças, das quais nem precisamos adjetivar as características que degradavam a “raça negra”. A justificativa apresentada para justificar o casamento interracial quando o acontecia, só ocorreria pelo “impulso carnal” que levaria a “incólume” alma branca ser corrompida pela animalidade “inferior”. Desta forma as raças não deveriam se misturar, o que revela-nos uma certa ligação (ou leitura da) com a eugenia norte americana, que vetava o casamento interracial. Este trecho é importante pois nos mostra o tom no qual teorias racistas, não foram completamente postas de lado após o final da década de 1910 e década de 1920, quando se erigiu um esboço de país a partir da mestiçagem tendo como objeto principal o sertanejo do interior⁸. Ao passo que tivemos um corrente eugenista pró-mestiçagem, por outro houveram opiniões racistas quanto a mestiçagem como as de Khel e a de Luiz Sila.

Neste íterim na análise das publicações da FMB não pudemos notar por hora a presença de racismo científico como os levantados por Sila, nas publicações eugenistas em relação ao matrimônio. Embora tendo escrito 3 anos antes, o doutorando baiano Luís Fabrício de Oliveira tem opinião diferente da de Sila a respeito das raças. Fabricio Oliveira natural do estado do Ceará, trabalhou uma tese também voltada ao exame médico pré-nupcial, e sua necessidade de aprovação como Lei no Congresso Nacional Brasileiro daquele ano (1928). Desta forma sua dissertação assemelha-se a de Clodoaldo Avelino Magalhães, mas o curioso é que a eugenia parece não ter sido a primeira opção de tema para ele. Em seu capítulo introdutório o doutorando revela que a escolha do tema se deveu a uma palestra pública ministrada pelo aluno de medicina Renato Teixeira, que ocorreu na Fameb durante o mês de setembro de 1928, fez com que o postulante a doutor cearense encontra-se um tema relevante para sua dissertação.

O que diferenciava o cearense Fabricio de Oliveira do santista Luiz Sila? Vimos que o segundo era claramente adepto a teorias racistas, desta forma procurou justificar o não cruzamento racial. Já o primeiro se afasta das teorias racistas, considerando a raça brasileira

⁸ Lembrando que o esboço de nação a partir da mestiçagem repousa nos três pilares do pensamento social brasileiro: Silvio Romero, Euclides da Cunha, e Nina Rodrigues.

oriunda da mistura dos “três componentes étnicos” , e que estes componentes não tinham estigmas degenerativos. Depreende-se em sua análise uma certa valorização da raça negra, para ele “forte porém escravizada” (OLIVEIRA, 1928, p 12). Adotando uma postura pró-mestiçagem que resultaria numa raça em formação, chegando até a criticar as análises dos cronistas estrangeiros sobre o Brasil:

“O brasileiro - produto do cruzamento de três grandes raças: a européia, representada pelo portuguez colonizador; a cabocla, figurada pelo selvicola autochtene e independente; a negra, na pessoa do africano forte mas escravizado [...]Le Bon, Roosevelt, Gobineau erraram, mentiram, caluniaram mesmo quando disseram que a raça brasileira era degenerada e indigna da terra que habita. Não é o brasileiro um tarado, um degenerado, um inútil: é a raça que precisa de algum carinho para ser ideal.” (OLIVEIRA, 1928, p 15).

Vemos um discurso contrário às teorias que desqualificava o brasileiro. Neste sentido é interessante observar que mesmo dentro da eugenia negativa existiam propostas não tão racistas quanto as pregadas pelo dentista santista Luis Sila, e o próprio Renato Kehl a partir de um determinado momento de sua trajetória (SILVA & WEGNER, 2012), de outro por mais que defendesse a eugenia negativa com a adesão do exame pré-nupcial obrigatório Luiz Fabrício de Oliveira parecia distanciar-se do racismo científico, ao encarar o africano sem predisposições inatas à inferioridade em sua natureza. Conferindo valor composição a étnica das três principais raças formadoras do Brasil. Desta forma podemos observar a poliformia na qual a eugenia esteve inserida, ou seja não se tratou de um movimento que seguisse uma só corrente ou um só concepção científica. Embora via de regra existisse um panorama geral.

Além disso, outra abordagem interessante se faz presente no texto de Magalhães Oliveira, no que diz respeito a esterilização como forma da eugenia negativa. Diferentemente de Clodoaldo Avelino Magalhães, Magalhães Oliveira adota uma postura mais comedida e pondera quanto a esterilização de “nocivas a espécie humana”, para ele este método só deveria ser aplicado em portadores de moléstias hereditárias, e não contagiantes (OLIVEIRA, 1928, p 15). Citando o exemplo que tal procedimento poderia ser aplicado num epilético, sendo vedada apenas sua procriação e não seu prazer como homem. Haja vista que os epiléticos eram considerados como loucos, e até com predisposição crime conforme observou Afrânio Peixoto, em sua dissertação ainda de 1897⁹. O procedimento cirúrgico que cortaria o direito à procriação

⁹ A discussão em torno da epilepsia e criminalidade datam ainda do século XIX, na corrente do pensamento

poderia ser aplicada a pessoas com desvios mentais, ou morais tais quais: ninfomaníacos, tarados sexuais, tarados alcoólicos, loucos, criminosos e até homossexuais. (MAGALHÃES, 1924)

Para nossa surpresa os ecos da eugenia negativa reverberar na FMB até a década de 1930, tendo como maior expoente a tese de Fernando Tude de Souza “*O problema médico social do aborto*” em 1933, essa rendeu muita discussão. Publicada em 1934, mas defendida em 1933. Era um largo trabalho, pouco mais de 150 páginas o que era acima da média para as demais dissertações do período. Com ela ganhou o Prêmio Alfredo Brito de 1934 juntamente com Ademar de Vasconcelos em “Do defloramento”. O que elas têm em comum? O fato de estarem ligadas as cadeiras de obstetrícia e ginecologia, entretanto é Tude que se liga de forma clara com a eugenia negativa. Apesar de ser jovem e prodigioso, de longe Fernando Tude foi um dos mais ousados na defesa da eugenia, mostrando sintonia com os escritos de Renato Khel, Herman Muckermann, Octávio Domingues, José Burlago Sanchez, Jorge Orgaz, Hidegard entre outros¹⁰.

O principal motivo que fez Fernando Tude de Souza aderir em defesa ao aborto eugênico, deve-se ao fato dele embasar sua ideia de reprodução que visasse “qualidade” e não “quantidade”. Mas por que o aborto eugênico seria a melhor solução? Porque as leis matrimoniais segundo ele não seriam por si só capazes de impedir o casamento de tarados, e o exame pré-nupcial era uma “iniquidade”, dever-se-ia então apelar-se ao aborto, “pois ninguém tem o direito de lançar um aleijão miserável no mundo (SOUZA, 1934, p 128). Ele vai além ao criticar a influência da religião, no caso a Igreja Católica frente a temas eugênicos, dos quais teceu críticas inclusive os médicos que se prendem ao “cóis da batina”, ou seja os médicos que não aderiram a um modelo eugênico mais radical por motivações religiosas. Esses médicos não seriam para Tude sensatos quanto a sua postura frente ao futuro das gerações, e os médicos que não estivessem ligados aos “opacos” vidros do clericalismo, inclinaram-se a aceitar o aborto como solução eugênica¹¹. Estes seriam então a salvaguarda da raça, e praticar o aborto eugênico consistia dentro desta concepção um ato caridoso, nobre e acima de tudo coletivo. Nisto ao

lombrosiano. Ver em: PEIXOTO, Afrânio. “Epilepsia e Crime”. Salvador, 1897.

¹⁰ Estes autores estão presentes na bibliografia citada por Fernando Tude de Souza (1934)

¹¹ Ver a discussão acerca de eugenia e catolicismo em: WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.263-288

ênfatizar a parte coletiva, Fernando Tude de Souza lança ressalvas quando ao aborto terapêutico defendido por Fernando Magalhães, chegando a chamar de “burgueza demais” a solução de um aborto terapêutico.

O que seria então o aborto terapêutico? E qual seria o alinhamento ideológico (no campo científico) o qual Tude esteve submerso?

Aborto terapêutico seria uma intervenção médica necessária quando a vida da gestante estivesse em risco, visando matar o feto a fim de preservar a vida da mãe. Podendo ocorrer: parto prematuro provocado, interrupção, feticídio, e destruição do feto. Entretanto, o jovem médico baiano parecia querer ir mais longe, independente do consentimento dos pais e do risco apresentado ou não a gestante, o aborto eugênico mostrar-se-ia necessário para o bem raça, e não só de um indivíduo. Uma vez que Tude estava de acordo com as leis mendelianas sobre hereditariedade e transmissão de caracteres degenerativos seriam automaticamente transmitidas ao feto, logo antes de se conceber a luz a este feto, ele deveria ser eliminado para o 'bem' da humanidade. Além da hereditariedade, encontramos ainda em sua dissertação, a menção à indicação social do aborto, que para ele se fazia necessária mas as leis não o permitiam. O embate em torno do aborto social confrontava a eugenia extremada de Fernando Tude, e a forma com que era desenhada a rede de amparo social a nível legislativo, o que chama de “engodo”. Para ele, caso as massas proletárias não tivessem condições de criar sua família, seria mais recomendável o aborto.

De longe a tese de Tude foi a mais contundente no que tange a defesa da eugenia negativa, mas suas postulações não estiveram nem perto de se concretizarem. Talvez isso tenha feito com o jovem médico baiano seguisse outro caminho profissional a partir da década de 1940 sendo o diretor do Serviço de Educação Radiofônica Nacional. Antes disso após tornar-se doutor, foi Secretário de Saúde do Estado da Bahia entre 1935-1936, de onde se retirou para estudar nos EUA pelos dois anos posteriores. A razão pelo qual teria motivado o seu distanciamento quanto a eugenia até aqui não está muito clara, e também ultrapassa o escopo deste artigo. Fato é que ao contrário do que se pensa, a eugenia negativa teve grande reverberação no pensamento médico baiano entre as décadas de 1910 a 1930.

Considerações finais:

Este artigo buscou lançar luz até então um tema pouco discutido na história das ciências baiana, que foi a presença da eugenia produzidas na Bahia, em particular na FMB. Claro que num estudo completo, o qual busquei desenvolver em minha dissertação há a presença e diálogo com outros médicos e cientistas fora da Escola da Medicina. Ou seja, a eugenia não se limitou às paredes da instituição, mas dada a importância da mesma na produção e formação médica regional, atemo-nos aos textos produzidos por lá.

Dentro do que foi produzido vimos que todas as teses tinham uma preocupação em comum que era a reprodução e a prole. E embora o nome eugenia não estivesse expresso em algumas teses, os conceitos estavam como foi o caso do trabalho de Samuel Dutra Silva, e Fernando Tude de Souza, que foi o mais radical entre os doutorandos baianos, ao defender o aborto eugênico, criticar o clericalismo, e era a favor dos pobres abortarem caso não tivessem condições de criar seus filhos, impedindo de se perpetuar na sociedade “aleijões miseráveis”. Não por acaso para Tude, somente acreditar que o exame pré-nupcial fosse resguardar a operacionalização social da eugenia, era um engano. Há de se registrar que Tude escreveu sua tese após os demais autores citados, e já encontrava terreno propício para discussões nesse sentido, haja vista as publicações do *Boletim de Eugenia*, a publicação de *Sexo e Civilização* de Renato Kehl, “*Flagelos da raça*” de Oscar Fontenelle, entre outros.

Já a tese de João Prudêncio Souza relacionava a ciência eugênica e a sífilis, doença que inspirava cuidados e maior combate pelo Departamento Nacional de Saúde Pública com a instalação dos Serviços de Profilaxia das Doenças Venéreas. A lues, ocupava lugar de destaque no pensamento científico anterior à chegada da eugenia, mas a partir de sua existência abriu espaço para sua correlação com a ciência galtoniana. Foi isso que Souza fez, buscando dar destaque a atuação médica quanto a interdição de casamentos, e lançava luz sobre o código de ética profissional em preservar a identidade do paciente, que seria defrontado caso este estivesse inapto ao se casar.

Por sua vez Clodoaldo Avelino assim como Luiz Fabrício de Oliveira, defendiam o uso do exame pré-nupcial obrigatório, e chegaram até a mostrar-se favoráveis à medidas como a esterilização. A diferença e acréscimo levantadas por Oliveira é que este parece aderir a ideia da formação da raça brasileira a partir da mestiçagem, com a negação de certos determinismos biológicos que degenerariam a raça. Contrário a esta visão estavam o próprio Renato Kehl (a partir de sua volta de viagem ao norte da Europa), e ao professor de odontologia de Santos Luiz

Sila, que destilou racismos e determinismos ao vedar o casamento interracial.

Por mais que os autores analisados estivessem em comum os pressupostos da eugenia negativa, eles não defendiam totalmente as mesmas ideias, o que mostra o caráter multifacetado da eugenia pelo qual os diversos sujeitos estavam inseridos. Médicos e cientistas poderiam ser atraídos para a órbita eugenista, pelos mais diversos caminhos como exemplo a: puericultura, casamento, higiene, alcoolismo e o higiene mental [entre outros].

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Ronnie Jorge Tavares. “Sob o império do determinismo biológico”: raça, religião loucura e crime nas teses da “imponentíssima basílica do ensino médico do Brasil” (1844-1928). Tese (Estudos Étnicos e Africanos), UFBA.Salvador. 2011.
- BLACK, Edwin A. A Guerra contra os fracos: eugenia e campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante. São Paulo: A Girrafa, 2003.
- BATISTA, Ricardo dos Santos. “Como se saneia a Bahia: a sífilis e um projeto político-sanitário nacional em tempos de federalismo”. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.
- CORREIA, Mariza “ As ilusões da Liberdade – a escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil”.Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013.
- COSTA, Iraneidison. A Bahia já me deu régua e compasso: Saber médico legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940. Dissertação (Historia Social) UFBA, Salvador. 1997.
- DIWAN, Pietra. “Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo.” 2ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GOLD, Stephan Jay. “A Falsa Medida do Homem”. São Paulo: Ed Martins e Fontes, 2003.
- PEIXOTO, Priscila Bermudes. O exame médico pré-nupcial em debate: uma proposta de intervenção eugênica no Brasil, 1910-1940. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016, p.253-259.
- MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. Pró Eugenismo. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.
- MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. “Puericultura e Philopedia”, Bahia. 1920.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “A Política Biológica como Projeto: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)” Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2006.
- STEPAN. Nancy. “ A hora da Eugenia: raça, nação e gênero na América Latina”. Ed, Fiocruz, Rio de Janeiro.2005 [1991].
- SKIDMORE, Thomas. “Preto no branco raça e nacionalidade no pensamento brasileiro 1870-1930 ” Rio de Janeiro: Editora Cia das Letras, 2012.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016, p.93-110.
STEPHAN, Nancy. “Eugenia no Brasil, 1917-1930” in: HOCHMAN. Gilberto & ARMUS. Diego “ Cuidar, controlar, curar- ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Ed. Fiocruz, 2004.
SILA, LUÍS in: Boletim de Eugenia. O cruzamento do preto com o Branco”. Ano 3, n 30. Org: Renato Kehl, Rio de Janeiro,1931.

Teses consultadas:

AVELINO. Clodoaldo de Magalhães. “Eugenia e Casamento” . Salvador, Imprensa Oficial, 1924.
OLIVEIRA, Luiz Fabrício de. “O exame pré-nupcial obrigatório”. Salvador, Imprensa Oficial. 1928.
SILVA, Samuel Dutra. “ O casamento e a prole”. Salvador, Imprensa Oficial. 1915.
SOUZA, Fernando Tude de. “ O problema médico social do aborto”. Salvador, Imprensa Oficial, 1933.
SOUZA.João Prudêncio de.– Sífilis e Eugenia”. Salvador, Imprensa Oficial. 1923.